

# Constructo

*Revista de psicanálise*

---

Número 05 | Setembro de 2020 | ISSN 2525-2844

# **Constructo**

*Revista de psicanálise*

---

Número 05 | Setembro de 2020 | ISSN 2525-2844

Número 05

ISSN | 2525-2844

Setembro de 2020

revista@constructo.com.br

## **EDITORA**

Kenia Ballvé Behr

## **COMISSÃO EDITORIAL**

Clarissa Salle de Carvalho

Gabriela Seben

Kenia Ballvé Behr

Mariana Lütz Biazzi

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Carlos Tiburski - 3C arte design

## **REVISOR**

Nélio Schneider

## **IMPRESSÃO**

PrintStore (Porto Alegre/RS)

## **PERIODICIDADE**

Anual

## **TIRAGEM**

150 exemplares

## **CONSELHO EDITORIAL**

Beatriz Camargo

(Constructo)

Carlos Schenquerman

(Buenos Aires – AR)

Christophe Dejours

(Paris – FR)

Denise Hausen

(CEPdePA)

Elisabeth Guarnier

(Constructo)

Ignácio Paim Filho

(SBPPA / CEPdePA)

Jacques André

(Paris – FR)

João Pedro Guimarães Barros Cassal

(CEPdePA)

Jocitacler Bolsoni

(Constructo)

José Carlos Calich

(SPPA)

Luciana Pavão Kroeff

(Constructo)

Maria Beatriz Tuchtenhagen

(Constructo)

Raquel Moreno Garcia

(Constructo)

Ricardo Avenburg

(Buenos Aires – AR)

Silvia Skowronsky

(SBPPA)

Simone Accetta Groff

(Constructo)

## **EDITORIAL**

- 6 Kenia Ballvé Behr**  
O psicanalista e a psicanálise

## **ARTIGOS**

- 18 Luiz Carlos Tarelho**  
A técnica psicanalítica e a questão da  
cientificidade da psicanálise segundo Laplanche
- 40 Diana Tabacof**  
Salvar a sua pele
- 62 Kenia Ballvé Behr, Beatriz Camargo dos Santos,  
Clarissa S. Carvalho, Mariana Lütz Biazzi, Karin Wondracek**  
Marcas corporais, marcas psíquicas. O processo de  
estruturação do psiquismo no encontro analítico
- 100 Felipe Figueiredo Lattanzio**  
A negação do desejo feminino como condição da identidade  
masculina hegemônica: uma análise comparativa entre *o remorso de  
baltazar serapião* e casos de homens autores de violência doméstica
- 118 Larissa Bastiane Roggia**  
As angústias de Freud
- 144 Maria Beatriz Tuchtenhagen,  
Raquel Moreno Garcia e Simone Accetta Groff**  
O Eu – constituição e destinos

**PARTICIPAÇÃO EM  
MESAS REDONDAS**

**166 Silvia Brandão Skowronsky**

Clínica psicanalítica contemporânea. A clínica atual

**186 Elisabeth Guarnier**

Clínica psicanalítica contemporânea. A clínica infantil

**198 Kenia Ballvé Behr**

Impacto da Terceira Tópica na clínica das patologias de fronteira

**REFLEXÕES SOBRE  
ATENDIMENTO À DISTÂNCIA**

**220 Fábio Belo**

Do tabu de tocar ao isolamento social:  
sobre a clínica psicanalítica em tempos de pandemia

**238 Raquel Moreno Garcia**

Escuta psicanalítica à distância

**250 Jacques André**

A psicanálise em tempos de coronavírus

**256 Luciana Pavão Kroeff**

Psicanálise à distância em tempos de pandemia:  
um relato sobre a *live* da Constructo da Terça Psicanalítica

**264 Diana Tabacof**

Mantener el propio encuadre interno

**RESENHA**

- 274 **Mariana Lütz Biazí**  
Psicossomática e teoria do corpo

**NORMAS**

- 280 **Normas de submissão e  
diretrizes para autores**

## EDITORIAL

# O psicanalista e a psicanálise

### **Kenia Ballvé Behr**

Psicóloga, psicanalista, sócia-fundadora e docente da Constructo  
Instituição Psicanalítica, editora da Constructo Revista de Psicanálise,  
fundadora e parte do Grupo Jean Laplanche Brasil

---

**E**u gostaria de comentar sobre a relação do psicanalista com a psicanálise neste período que temos passado envolvidos com o coronavírus, convivendo, já há alguns meses, com angústias e temores em relação aos terríveis efeitos relacionados com essa pandemia, que alterou mundialmente o cotidiano conhecido e familiar.

Início por trazer reflexões de Christophe Dejours em uma entrevista concedida por ele a Raquel Moreno Garcia (Constructo), acessível no nosso canal do *Youtube*,<sup>1</sup> assim como em uma entrevista publicada no *Página 12*, da Argentina, em 3 de junho de 2019, acerca da realização do ser humano.<sup>2</sup> Diz ele que existem dois eixos de realização, a realização

---

1 Cf. [www.youtube.com/watch?v=-QeEGV6TTKs](http://www.youtube.com/watch?v=-QeEGV6TTKs).

2 Cf. <https://www.pagina12.com.ar/197853-sin-posibilidades-de-sublimar-a-traves-del-trabajo-es-muy-di>. C. também a tradução para o português: Sem a possibilidade de se sublimar através do trabalho, é muito difícil conservar a saúde mental. Entrevista com Christophe Dejours. Revista IHU On-line. São Leopoldo: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589735->

peçoal no campo erótico, que passa pelo amor, e a realização no campo social, atravessada pelo trabalho. Os dois campos delimitam dois tipos de destino para a pulsão, um sexual e outro sublimatório. Diz também que, na concepção freudiana, a sublimação foi considerada basicamente em relação a grandes homens. Mas, de acordo com seu ponto de vista, na clínica do trabalho, a sublimação se encontra presente em todos aqueles que trabalham e podem aproveitar o espaço de sua atividade profissional como um modo que permite seu crescimento e sua satisfação pessoal. Ele afirma que, quando não existe a possibilidade de sublimar através do trabalho, fica difícil conservar a saúde mental.

Penso que não apenas condições negativas, especificamente do trabalho, se constituem como um impedimento para sentirmos satisfação naquilo que nos ocupa profissionalmente. Existem outras realidades adversas, externas ao trabalho, diante das quais o ser humano tem dificuldades, às vezes intensas, para obter satisfações pessoais no desempenho de sua labuta profissional. Por exemplo, diante da pandemia que ora vivemos, que nos envolve numa angústia que transcende aquilo e aqueles que estão próximos por se estender a uma realidade muito mais ampla, instalou-se uma situação de ameaça e incerteza que tem retirado de muitos a capacidade e a satisfação habitual de trabalhar.

Pergunto-me, então, como pensar o que se passa com os psicanalistas, com muitos deles pelo menos, que, apesar de sofrerem as angústias deste momento, inerentes a todo ser humano em face das próprias frustrações e sensíveis a tudo que vem ocorrendo por todo lado, em todo mundo, parecem se sentir muito gratificados com a atividade a que se dedicam no atendimento de pacientes, mesmo que isso venha

---

sem-a-possibilidade-de-se-sublimar-atraves-do-trabalho-e-muito-dificil-conservar-a-saude-mental-entrevista-com-christophe-dejours. Acesso em 4 de agosto de 2020.



ocorrendo via *on-line* ou, como também se diz, num *atendimento à distância*, não presencial.

O que o psicanalista tem como ofício junto àquele que lhe pede ajuda é aproximar-se de seus enigmas que fazem parecer sua vida insuportável, com sofrimentos que podem ter as mais variadas origens, muitas vezes sem a mínima possibilidade de saber o que se passa dentro dele. Pouco a pouco retalhos dessa história vão sendo reunidos, de uma história que se iniciou há muito tempo, quando ainda não existiam palavras, somente gestos, sensações, conteúdos inapreensíveis, sem nome, além da presença de um outro que prestava auxílio para suas necessidades mais primitivas, assim como para as primeiras traduções.

Ao longo de todo o processo, o psicanalista vai apreendendo essa história em seus meandros inesgotáveis, em versões que só muito aos poucos vão sendo organizadas a partir da associação livre do paciente e das interpretações do terapeuta, até se formar uma construção com certa consciência e sentido que, em parte, é a compreensão e tradução daquilo que estava desligado no interior do psiquismo.

Além da teoria estudada e da técnica psicanalítica apreendida ao longo de anos, existe uma certa capacidade empática, usando uma expressão de Freud no *Projeto*, que eventualmente capta a intensa carga de certos relatos ou de silêncios, o que constitui um importante auxílio que dá figurabilidade aos enigmas que vão surgindo. Esses enigmas, antes escondidos no inconsciente recalcado ou encravados em espaços mais desconhecidos de nossa mente, estão à espera, como diz Laplanche, de serem traduzidos através dessa revivência emocional do enigma que nos acompanha, que denominamos transferência. “O testemunho da sedução infantil é a sedução analítica, que nós

chamamos transferência”, diz Laplanche.<sup>3</sup>

Ele também postula uma hermenêutica fundadora,<sup>4</sup> no sentido da situação originária de alguém que tem que dar sentido ao que lhe ocorre. Porém não se trata de realidade bruta mas, sim, de mensagens que vêm do adulto, comprometidas por seu inconsciente, dirigidas ao pequeno ser humano. Na busca de decifrar essas mensagens cabe ao analista efetivamente saber que a resposta está no paciente, cabendo a si apenas uma ajuda nessa tradução, como um sinalizador que vai iluminando o caminho que ele mesmo não sabe exatamente qual é, e que, paradoxalmente, lhe é assinalado pelo paciente. Um interlocutor provocando figurabilidades. Assim como um resto diurno é capaz de ativar o trabalho da elaboração onírica, e criar sonhos, a função analítica interroga o inconsciente para criar transformação.

É preciso que o psicanalista faça valer a proposição fundamental da hermenêutica, estabelecida a partir da teoria da sedução generalizada, qual seja: *o único hermeneuta verdadeiro, originário, é o ser humano. Todo ser humano*. Primeiro a criança, depois o paciente, sem que este seja convertido em um hermeneuta freudiano, kleiniano ou lacaniano, como diz Laplanche, sendo sempre o suficiente por si mesmo, em uma aspiração inesgotável. A prática hermenêutica da psicanálise propõe um novo codificado sobre um codificado antigo, centralizado numa releitura do manifesto, se constituindo num redobramento do recalcado. Esse método, impulsionado pela transferência e pela reativação do enigma vai destraduzindo as traduções manifestas.<sup>5</sup>

---

3 Jean Laplanche, *Entre seducción e inspiración: el hombre*, 2001, p. 209.

4 Ibid., p. 188.

5 Ibid., p. 208-211.

Assim como cabe ao adulto que se ocupa de cuidar do *infans* oferecer a este as possibilidades de tradução que provêm da cultura e que serão metabolizadas numa tradução que é única daquele sujeito, essa função cabe ao analista no processo de análise.

A criatividade que implica todo o processo da estruturação psíquica, a partir da interação entre o adulto e esse pequeno ser que chega ao mundo e que, aos poucos, vai se constituindo em sujeito psíquico, replica-se agora, no processo analítico, quando o paciente vai fazendo o caminho de novo agora com um outro, com o analista, que revive e revisa o próprio caminho nessa trajetória.

A possibilidade do profundo engajamento do psicanalista em seu ofício, tornando-o mais aderido e aguerrido a sua tarefa quando enfrenta o adverso que abala profundamente o ser humano, possivelmente tem relação com o fato de que seu objeto de interesse e de paixão tenha um matiz da mais profunda criatividade, quem sabe a maior, na medida que representa seu enfrentamento com o originário do ser humano.

Um pintor envolvido com suas tintas e com seu pulsar, expressando o que se passa em sua alma para projetar na tela imagens que o representam... Um escritor saindo de dentro de si para dar corpo e psiquismo a cada personagem que habita seus livros... O compositor deixando surgir de dentro de si as notas que compõem as melodias mais lindas que transformam por momentos a vida em sonhos inabitáveis... Arqueólogos ocupados com encontrar e analisar a evolução dos homens e das civilizações, resgatando história e cultura de nossos antepassados... Oceanógrafos estudando nossos mares, lagoas e lagoas...

Quem sabe a grande diferença entre tantos outros *fazeres* que se ocupam com aquilo de mais sublime que existe na humanidade e o psicanalista

possa ser pensada assim: o ofício deste lhe impõe, durante o tempo todo na situação que vivencia, uma pergunta sobre o enigma do outro, de um outro, de sua origem, ao mesmo tempo em que ele revive seus inícios e sua própria experiência emocional, estando em face de um espaço desconhecido do outro. Uma experiência partilhada. Esse inquietante estranho dentro de si!

Enfim, um processo que encarna algo que parece mágico, mas não é, que envolve ao mesmo tempo uma disciplina fundamental a um método e uma capacidade criativa quase ilimitada, que talvez seja melhor denominar plasticidade essencial; uma história que repete outra, embora não se constitua como repetição, porque os protagonistas não são os mesmos, nem o tempo é o mesmo. Uma relação em que o amoroso é essencial, embora seja um amor que se mostra diferente...!

Na revista nº 5 da Constructo, nossa proposta foi preparar uma edição que proporcionasse a divulgação e discussão de temas relacionados com o método e a técnica psicanalítica. Como a organização da revista coincidiu com a pandemia do coronavírus, também recebemos trabalhos muito interessantes sobre o assunto, escritos por psicanalistas que relataram seus pontos de vista e suas vivências em relação ao atendimento à distância. Neste número da revista, esses trabalhos fazem parte de uma seção especial: Reflexões.

Entre os Artigos publicados nesta edição, o primeiro é dedicado à teoria da técnica.

“A técnica psicanalítica e a questão da cientificidade da psicanálise segundo Laplanche”, por Luiz Carlos Tarelho. Nesse artigo, o autor propõe que o método analítico foi desenvolvido por Freud para permitir o acesso ao inconsciente. Trata-se de um método essencialmente

destrutivo, que visa desconstruir as traduções sintomáticas que servem como defesa contra o perigo representado pelo desligamento do material inconsciente. A cientificidade do método está assentada no fato de não se aplicar apenas a casos particulares, como também pela adequação existente em relação ao objeto que ele permite conhecer, que representa um novo domínio da realidade que não pode ser acessado diretamente.

“Salvar sua pele”, por Diana Tabacof. Trata-se de um texto que aborda a clínica psicossomática, propondo que a relação de objeto alérgica sinaliza o fracasso da angústia diante do estranho, criando uma tensão entre o que a autora chama de *imperativo da desfusão* (que advém da intrusão do estranho dentro da díade) e o *imperativo da conservação da fusão* (presente na alergia essencial). A regressão presente no sono e no ato sexual (no orgasmo) carregaria o traço da fusão dos tempos primordiais e seria próprio dos seres humanos.

“Marcas corporais, marcas psíquicas. O processo de estruturação do psiquismo no encontro analítico”, por Kenia Ballvé Behr, Beatriz Camargo dos Santos, Clarissa Carvalho, Mariana Biazzi e Karin Wondracek, revisa o pensamento de Christophe Dejours com o objetivo de aprofundar o conhecimento teórico da relação entre corpo e psiquismo, assim como de suas consequências para a clínica. A utilização de vinhetas permite melhor compreender a importância das experiências corporais, assim como o uso da perlaboração através do sonho, principalmente em pacientes não neuróticos, e seus efeitos no processo de constituição do aparelho psíquico.

“A negação do desejo feminino como condição da identidade masculina hegemônica: uma análise comparativa entre *o remorso de baltazar serapião* e casos de homens autores de violência doméstica”, por Felipe Figueiredo Lattanzio, propondo que a passividade originária postulada

por Laplanche se mostra intolerável para a manutenção da masculinidade hegemônica, devendo ser projetada estereotipicamente nas mulheres, que, nas fantasias masculinas, ficam desprovidas de atividade no que concerne ao desejo. Quando este aparece, muitas vezes mobiliza respostas violentas dos homens, na tentativa de salvaguardar sua identidade. Essa reflexão foi feita a partir de uma casuística de mais de 4.000 homens, comparada às reflexões presentes no romance de valter hugo mãe.

“As angústias de Freud”, de Larissa Bastiani Roggia, percorre a construção teórica do conceito de angústia na obra freudiana, complementando-a com perspectivas propostas por Laplanche sobre o tema. Busca compreender as mudanças significativas que ocorreram até a elaboração final do conceito de angústia-sinal por Freud, diferenciando-a da descarga de angústia proposta na primeira teoria. São acrescentadas a essa discussão as ideias de Laplanche sobre as formas de manifestação da angústia e os níveis de ligação do aparelho psíquico. O artigo é enriquecido com vinhetas de dois casos que ilustram maneiras diversas de apresentação da angústia.

“O Eu – constituição e destinos”, por Maria Beatriz Tuchtenhagen, Simone Accetta Groff e Raquel Moreno Garcia. Seguindo a proposta teórica de Silvia Bleichmar sobre a constituição do psiquismo, em que o inconsciente não existe desde as origens nem o Eu está desde o início, o artigo busca refletir sobre a constituição do Eu no intrincado movimento de complexização dos tempos do narcisismo e das identificações em suas diferentes possibilidades. Para enriquecer os desenvolvimentos metapsicológicos, são apresentadas vinhetas clínicas que ilustram os possíveis destinos da pulsão e as condições do Eu – destinos do sujeito, como resultante do trabalho metabólico de cada psiquismo.

Na sequência, temos três textos apresentados em mesas redondas na

Jornada Anual da Constructo de 2019:

“Clínica psicanalítica contemporânea”, por Sílvia Brandão Skowronsky. Trata-se de um texto em que a autora revisa os aspectos que são fundamentais para pensar a Clínica, situando inicialmente que a psicanálise nasceu com a descoberta do inconsciente e com a morte da sugestão. Atenção flutuante e associação livre são suas metas. O método é invariável, a técnica é que se amplia ou se transforma. Em face dos desafios clínicos, a proposta é interrogar a singularidade de um sujeito psíquico. O encontro analítico supõe dois sujeitos tendo a cura como uma meta comum.

“A clínica infantil”, por Elisabeth Guarnier, que propõe reflexões acerca da clínica psicanalítica com crianças. O texto evidencia alguns impasses centrais que apontam sua permanência em estado de crise, sobretudo ética, identificando propostas teóricas e técnicas que dão conta de que o método possa se fazer presente diante de patologias graves da infância.

“Impacto da Terceira Tópica na clínica das patologias de fronteira”, por Kenia Ballvé Behr, que mostra a importância da Terceira Tópica para a psicanálise, por se constituir em uma referência única que permite compreender os modelos neurótico/normal e psicótico/fronteiriço, em relação à metapsicologia, à psicopatologia e à clínica. Esse modelo tem como base a teoria da sedução generalizada e a teoria da tradução de Jean Laplanche. A vinheta clínica apresentada possibilita compreender melhor que a Terceira Tópica dá outra dimensão às possibilidades da cura, propondo, ao mesmo tempo, um prognóstico melhor para pacientes não neuróticos em razão da mobilidade do funcionamento psíquico.

Em seguida, vêm os textos da seção dedicada às Reflexões sobre o atendimento não presencial:

Fábio Belo, em seu texto “Do tabu de tocar no isolamento social: sobre a clínica psicanalítica em tempos de pandemia”, propõe que os circuitos pulsionais ligados ao prazer de tocar, a angústia de contato, as interdições de tocar e a capacidade de isolar (interna e externamente) são reabertos a novas traduções durante o período da pandemia. Se a transferência é compreendida como reabertura da situação originária, a análise deve manter seu enquadre como um meio maleável que suporte a retomada das traduções ligadas à problemática do contato trazidas pelo imperativo do isolamento social.

Raquel Moreno Garcia, no texto “Escuta psicanalítica à distância”, pensa fundamentalmente na função da escuta, assinalando que a necessidade de ser escutado está presente desde o início da vida nas mais diferentes situações, embora existam características específicas quando essa função se dá no espaço analítico, quando a escuta tem estreita relação com um método. A autora recorre aos preceitos de Jean Laplanche, Sigmund Freud e Silvia Bleichmar para pensar essas características. Propõe que, em princípio, a possibilidade do trabalho à distância depende das condições pessoais do analista, alguém que possa garantir que o trabalho se desenvolva nessa modalidade. A autora sustenta a importância de que essa questão seja avaliada com mais profundidade.

Jacques André, em “A psicanálise em tempos de coronavírus”, apresenta um pequeno/instigante texto que caracteriza, segundo o autor, “a hesitação da psicanálise” durante os meses de confinamento. Comenta as diferentes opções do analista e as nuances possíveis no processo analítico diante da pergunta do paciente no outro lado da linha telefônica: “você está me ouvindo?” Ele se surpreende com a acolhida rápida do atendimento *on-line* e comenta o quanto a realidade concreta alimentou diferentes associações. E encerra, considerando que, embora seja possível trabalhar sem o presencial, felizmente o confinamento terá um fim!



Luciana Pavão Kroeff escreveu “Psicanálise à distância em tempos de pandemia: um relato sobre a *live* da Constructo da Terça Psicanalítica”, afirmando que o Covid-19 provocou mudanças significativas no mundo, trouxe limitações de toda a ordem e evidentemente a psicanálise também sofreu diversos efeitos, sendo o atendimento não presencial uma realidade para a qual não houve preparação, nem estudos mais sistemáticos a respeito. Por entender que se trata de uma prática experimental, pensa ser necessário que alguns questionamentos sejam levantados: uso do vídeo (ou áudio), responsabilidade da chamada, cuidados com o sigilo, transferência no espaço virtual etc. No tratamento com crianças, cujo aparelho psíquico ainda está em desenvolvimento, a linguagem verbal é somente uma parte de sua comunicação, o que na opinião da autora, impediria um atendimento à distância, a não ser em momentos pontuais.

Diana Tabacof, em “Mantener el propio encuadre interno”, trata de pensar como pacientes e psicanalistas podem sustentar os espaços terapêuticos à distância, opção valiosa por talvez ser a única possibilidade em uma situação de crise como a atual. Para ela, a interiorização do enquadre analítico é condição fundamental para ser um analista sem divã. A autora ilustra seus pontos de vista com exemplos clínicos e sugere a necessidade de avaliar bem uma decisão como essa, tecendo comentários sobre suas experiências com diferentes pacientes.

Para fechar a Revista nº 5 temos a Resenha do livro de Christophe Dejours, intitulado *Psicossomática e teoria do corpo*, num apanhado muito interessante de Mariana Lütz Biazzi.

Boa leitura!